

O “Círculo Carmesim” e as reinvenções *ayahuasqueiras* na Amazônia

Igor Vinicius Duarte Miranda¹
Alana Pereira da Silva²

RESUMO

Pretendemos, com este ensaio etnográfico, descrever o contexto das reinvenções do uso da *ayahuasca* no sudeste do estado do Pará. Concentramos nossa observação na realização da cerimônia de “leituras” do Círculo Carmesim por um grupo dissidente do Santo Daime localizado no município de Marabá - PA, o Luz de Maria, que era um centro daimista – como se autodefinem adeptos da religião – que “ressignificou a doutrina” e as práticas de uso do chá psicoativo. Para tal, lançamos mão das técnicas de observação participante e da etnografia com propósito de evidenciar outras percepções de mundo proporcionadas pela experiência com os psicoativos.

Palavras-chave: *ayahuasca*; rituais; espiritualidade

ABSTRACT

With this ethnographic essay, we intend to describe the context of the reinventions of the use of ayahuasca in the southeast of the state of Pará. We focused our observation on the performance of the “readings” ceremony of the Crimson Circle by a dissident group of Santo Daime, located in the municipality of Marabá - PA, named Luz de Maria, a place that was a daimista center – as official members of the religion define themselves – that “re-signified the doctrine” and their practices of using the psychoactive tea. For this, we used participant observation techniques and ethnography with the purpose of highlighting other perceptions of the world provided by the experience with psychoactive substances.

Keywords: *ayahuasca*; rituals; spirituality.

¹ Graduando em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Bolsista do Programa de Iniciação à Docência (PIBID). Pesquisador no Núcleo de Estudos Xamanísticos da Amazônia (NEOXAMAM). E-mail: igorvinicius10@unifesspa.edu.br. Link lattes: <http://lattes.cnpq.br/2453439674222999>

² Mestranda em Antropologia Social (PPGA/UFGA). Bolsista Capes. Bacharel em Ciências Sociais (Facsat/Unifesspa). Membro do Grupo de Pesquisa em Etnologia Indígena e de comunidades Tradicionais (Ameríndia). Pesquisadora no Núcleo de Estudos Xamanísticos da Amazônia (NEOXAMAM). E-mail: alanapereirasilva06@gmail.com. Link lattes: <http://lattes.cnpq.br/5541627499927594>.

INTRODUÇÃO

A *ayahuasca* é um chá psicoativo adquirido a partir da decocção do cipó-mariri (*Bnisteriopsis Caapi*) que possui alcalóides capazes de evitar a oxidação da molécula da DMT – Dimeltriptamina, presente em uma folha chamada Chacrona ou Rainha (*Psychotria viridis*). Existem diversos contextos culturais em que o chá é consumido e, em outros, é estigmatizado e considerado “droga” por possuir propriedades químicas psicoativas (GOULART, 2008). O consumo desta bebida possui uma “multiplicidade de nomes e contextos”, como apontado por Júlia Otero (2010, p. 05). No Brasil, é permitido utilizar o psicoativo somente em situações rituais-religiosas ou em contexto de ensaios clínicos por pesquisas biomédicas. A mais conhecida das religiões *ayahuasqueiras*³ brasileiras é o Santo Daime. Inicialmente formada com características de seita, esta religião, ou, como preferem chamar algumas pessoas daimistas, “doutrina da Rainha da Floresta”, foi fundada pelo maranhense Raimundo Irineu Serra. A União do Vegetal (UDV) foi fundada por Mestre Gabriel Costa, a Barquinha fundada por Mestre Daniel Matos (amigo de Mestre Raimundo Irineu) e o Umbandaime, fundado por madrinha Maria Natalina.

No entanto, existem outros contextos ou cerimônias diversas que apreendem os *ensinamentos* das “Plantas de Poder”. Um desses espaços é o Luz de Maria, em Marabá – PA. Esta era uma instituição do Santo Daime, e que se reinventou na cidade. E isso inclui a inovação dos usos da *ayahuasca*. No município, a primeira igreja daimista se chamava Céu dos Carajás e foi fundada, em 1999, por Giovani Castro. Em 2006, após divergências com a *liderança* da casa pioneira, Éder Moreira (e um grupo de seguidores) decidem construir seu próprio ambiente (COELHO, 2013, p. 23). O espaço contava com mais de sessenta *fardados* – como são denominadas as pessoas que participaram de uma cerimônia de adoção pública das práticas daimistas – e visitantes em cada encontro, além de o Centro promover semanalmente um estudo baseado no “Evangelho segundo o Espiritismo” escrito por Allan Kardec.

Acontece que em meados de 2017 e 2018, ocorre uma mudança nas práticas rituais das cerimônias nesse local. Nesse sentido, o nosso objetivo é descrever as transformações que aconteceram no Luz de Maria que ficou conhecida como a primeira igreja a retirar alguns dos elementos simbólicos⁴ do Santo Daime e construir uma proposta interessante e inovadora. O esforço é mostrar percepções outras de viver, de ser e estar no mundo que são proporcionadas pela relação humano-psicoativos-plantas.

Procedimentos Metodológicos

³ Conceito desenvolvido por Labate (2000) para demarcar o debate sobre a legitimação do uso ritual do chá no país

⁴ Como o “Cruzeiro”, por exemplo, que é uma cruz de dois braços e também conhecida como “Cruz de Caravaca”.

As etnografias dos usos da *ayahuasca* (e das pesquisas nas ciências humanas em geral) foram desenvolvidas, majoritariamente, por estudiosos consumidores do chá. Apesar de ser, aparentemente, uma pauta vencida, a maioria das/os pesquisadores *ayahuasqueiros* costumam se empenhar na escrita de inúmeros parágrafos para justificar o quão objetivo são os trabalhos elaborados nesse campo. Isto acontece porque o modelo de ciência que é apreendido na academia consiste em uma idealização de impessoalidade e neutralidade do trabalho. Esse debate tem se tornado cada vez mais corriqueiro à medida em que os “nativos” passam a escrever sobre suas próprias formas de socialidade. Nesse sentido, nos interessa explicar que este ensaio etnográfico foi pensado e elaborado por um pesquisador *ayahuasqueiro* e frequentador das cerimônias de “leituras” do Círculo Carmesim e uma antropóloga *fardada* no Santo Daime. Assim, “ser afetado” é mais que uma estratégia de trabalho de campo (FAVRET-SAADA, 2005), e está intrínseco ao nosso processo de pesquisa.

Propomos a elaboração de uma etnografia enquanto uma ferramenta de descrição. Muitas são as críticas a respeito do “método” antropológico e de etnografia. Afinal, o que é etnografia? É comum que respondam como o processo de registro de informações e de descrição de uma pesquisa de campo. Contudo, o antropólogo Britânico Tim Ingold afirma que não é concebível a ideia de que a etnografia seja um método para se chegar às respostas de uma investigação antropológica. Para esse pesquisador, a etnografia tem um fim descritivo em si mesmo (INGOLD 2017, p. 224). Mariza Peirano (2018), por sua vez, vai além e diz que a etnografia é “a teoria vivida”. Ou seja, para desenvolver o olhar treinado para o campo é necessário “treinamento rigoroso em teoria antropológica, que dê condições de saber o que e como observar, e o que é teoricamente significativo” (EVANS-PRITCHARD 1978, p. 243).

Esse treinamento que Evans-Pritchard menciona, bem como o referencial teórico etnográfico apontado por Peirano, é necessário especialmente para as/os pesquisadoras/es que pretendem estudar em um campo que não está distante, geograficamente, de quem está propondo o trabalho. Isto porque na tarefa de “estranhar o familiar”, como menciona DaMatta (1985, p. 27), o esforço em estranhar o que seria familiar é como estar na *força* da *ayahuasca*. O desafio é sobre estar disposto a desconhecer o que era “conhecido”, é observar o outro e reconhecer-se nas diferenças e contrastes.

O Círculo e as “leituras”

O *Crimson Circle* ou Círculo Carmesim, fundado em 1999, nos Estados Unidos, é um grupo colaborativo responsável por organizar “webcasts” digitais que contém textos e áudios sobre assuntos relacionados a pensamentos filosóficos. O intuito desse conteúdo é auxiliar pessoas interessadas a “trilhar uma jornada espiritual” e “expandir a consciência” a fim de desfrutar sua “Realização”. Os materiais acessados pelos frequentadores das leituras do Círculo Carmesim estão disponíveis no site

oficial do Conselho Carmesim. A maioria dos textos são disponibilizados para fazer o *download* gratuito.

O Círculo tem feito a “canalização” dos “seres angélicos” e “mestres ascencionados” como Tobias e Adamus Saint Germain (uma faceta do *Saint Germain* do “Livro de Ouro”) que são entidades canalizadas por intermédio de Geoffrey Hoppe. Acredita-se que estes “guias espirituais” auxiliam na reflexão de si e do mundo através de estudos como o “despertar do Eu Sou”. Além disso, são realizados estudos para o que foi denominado como “A série da vida do Mestre”, “Dinâmica da Energia”, e “Aspectologia” entre outros.

O site é acessado, atualmente, por cerca de 130 países. Entre eles, o Brasil. E é na Amazônia, no município de Marabá, situado no sudeste do Pará, que encontramos o centro Luz de Maria. Esse espaço se mostrou como uma oportunidade de conhecer as práticas rituais do Círculo Carmesim e as reinvenções *ayahuasqueiras*. As reuniões mensais ou quinzenais são chamadas de “leituras”. O nome designado aos encontros é auto explicativo porque as cerimônias resumem-se na leitura do texto escolhido para cada ocasião. Os textos selecionados costumam ser chamados de “Shoud”. Essas são “canalizações⁵” mensais e gratuitas disponibilizadas pelo *Crimson Circle*.

Figura 1 - Pesquisadora Maria Coelho em um festejo no Luz de Maria



Fonte: autor desconhecido, 2013

Participei [Alana] de apenas uma “leitura” neste espaço. Não tive a oportunidade de conhecer os *trabalhos* do Luz de Maria que chegou a ser a igreja mais frequentada de Marabá. Na imagem

⁵ É quando um anjo ou entidade transmite uma mensagem por meio de um receptor humano.

anterior, visualizamos uma série de elementos que representam a estética daimista, como os maracás - objeto de percussão feita com latas, pequenas esferas metálicas e um cabo de madeira -, os hinários - pequenos livros com letras de hinos -, as velas, a estrela de seis pontas - conhecida como Estrela de Davi -, tambores, violão, as *fardas* - vestimenta obrigatória para *fardadas/os* - e a mesa central em formato de estrela - que simboliza a adoção à linha ICEFLU (conhecida como a vertente expansionista do Santo Daime, fundada por Padrinho Sebastião Mota).

Na oportunidade que tive de visitar o Luz de Maria, vários imprevistos no caminho dificultaram a chegada no espaço. Poucos espaços *ayahuasqueiros* na cidade estão registrados no *Google Maps* ou nos sistemas de posicionamento global (GPS – *Global Positioning System*). O aconselhável, para quem deseja vivenciar tal experiência, é que encontrem uma pessoa que conheça o trajeto até o local. A pessoa de referência que guiou um grupo de universitários até o lugar foi Igor, o primeiro autor do texto. Quando chegamos a “leitura” estava prestes a começar. Não tive muito tempo para acalmar meu corpo antes de beber o chá e talvez por isso eu não tenha conseguido me concentrar nas leituras ou nos meus processos pessoais. Desse modo, as informações mais detalhadas foram sistematizadas por Igor.

A imagem a seguir demonstra o contraste entre os *trabalhos* do Santo Daime e as “leituras” do Círculo Carmesim. Não existe divisão dos participantes entre “homens” e “mulheres” e nem vestimenta obrigatória. Segundo informações, a ideia é que as pessoas se sintam o mais confortável possível. Seja de calça, bermuda ou saia. A posição do “*dirigente*”⁶ assumida por Éder não demonstrava hierarquia visível, pois ele liderava as “leituras” dentro do círculo. Isso transmite a ideia de que todos estão em um mesmo patamar de aprendizados. Ele é o senhor que está sentado ao lado de um banquinho com copos descartáveis e uma garrafa de vidro na cor verde escuro. Uma cadeira com papéis, à sua frente, demonstra que ele era o responsável pela “canalização” da “leitura” daquele ritual.

⁶ Em aspas porque Éder, após a cisão com o Santo Daime, deixa de assumir o cargo de *dirigente* daimista, mas ainda possuía função de liderança espiritual.



Figura 1 - Seu Éder Moreira em reunião com frequentadores das “leituras” do Círculo Carmesim.



Fonte: Francisco Freitas, 2021

Minhas primeiras experiências no Luz de Maria [Igor], foram no contexto do Santo Daime. Localizado na zona rural de Marabá, a paisagem do espaço consiste em um sítio com muitas árvores e plantas ornamentais. Somado ao cenário, um salão em formato circular era o espaço utilizado para a realização dos “trabalhos” daimistas. Quando voltei a frequentar o centro percebi que algo havia mudado. Apesar de a doutrina do Santo Daime estar enraizada na história, memória e algumas práticas mais alternativas (como reunir pessoas para cantar os hinos) houve uma ruptura na forma simbólica visual que remetia a estética daimista. O Cruzeiro, que é um símbolo importante para as pessoas daimistas, havia sido retido. O “Mestre da casa” - como era chamado o líder do grupo - era o Éder Moreira. Ele deixou de realizar os “trabalhos” daimistas, mas permitia que acontecesse desde que outra pessoa assumisse a responsabilidade da mediação do ritual. Em seus últimos anos de vida dedicou-se à realização das “leituras” como o *principal leitor*.

Acontece que, anteriormente, paralelo aos “trabalhos” daimistas, Éder promovia, semanalmente, um estudo coletivo do “Evangelho segundo o espiritismo” de Allan Kardec. Conforme entrevista semiestruturada com Francisco de Assis (frequentador das leituras e responsável por selecionar e imprimir os textos), seu Éder teve seu primeiro contato com o Círculo Carmesim em uma sessão de estudo do evangelho através de um senhor conhecido como Ivo. Assis conta que Ivo comentou com Éder sobre a formação de um grupo de pessoas que estavam realizando “canalizações”. Para Assis, a necessidade de “encarar a consciência como algo presente em sua vida” parece ter sido a principal motivação de Éder em “arriscar” vivenciar novas formas de uso da *ayahuasca* e o exercício da *espiritualidade* e liberdade.

Na nova dinâmica, as “leituras” eram realizadas ao lado do salão. Os espaços cobertos serviam de garantia da continuidade do ritual em dias de chuva. Seu Éder fazia questão de receber pessoalmente cada participante da cerimônia. Percebemos que a função de *dirigente* de um centro daimista foi mantida por Éder que guiava as cerimônias. Era ele que servia *ayahuasca* aos frequentadores do espaço, antes e durante as leituras, e costumava dizer que em sua casa o daime era servido de “torneira aberta”. Ou seja, não havia um limite de doses do chá e as pessoas tinham liberdade para consumir sempre que necessário.

As sessões ocorriam na segunda quinzena do mês, sempre às quartas-feiras. Em média participavam das reuniões cerca de 30 a 50 pessoas a depender do dia, sendo essas de diferentes idades, gênero, condição social e cor. O início do encontro variava entre 20 horas e 21 horas e tinha duração de duas a três horas, com intervalos curtos de dez e quinze minutos. Durante os intervalos, algumas pessoas aproveitavam para tomar outra dose de *ayahuasca* ou ir ao banheiro. Outras pessoas permaneciam sentadas e em estado meditativo. A dinâmica da cerimônia consistia no direcionamento das pessoas para “tomar o chá” e da orientação para que os participantes se sentassem nas cadeiras disponíveis, formando um círculo em volta do seu Éder. Com todas as pessoas reunidas, nós *caminhávamos coletivamente* para uma espécie de “meditação guiada” pela potente voz de Éder. A “presença de Adamus” (mestre ascensionado que transmite a mensagem) era costumeiramente sentida pelos frequentadores. Esse processo também contava com a agência da “mágica” da *ayahuasca*.

De modo geral, não aconteciam grandes movimentações ou dinâmicas de troca física ou verbal em grupo. Todos os presentes permaneciam sentados, escutando a leitura e meditando. Os grandes acontecimentos se davam no âmbito pessoal da vida de cada um. Conforme o estado da *força* da *ayahuasca* acentuava-se, somada às palavras proferidas por Éder na realização da “leitura”, percebi que aquela experiência seria intensa, profunda e bastante pessoal. E assim foi despertando, em mim, uma vontade ou curiosidade em participar das “leituras” e conhecer um pouco mais sobre a nova proposta de consumo *ayahuasqueiro* na cidade. Nesse sentido, eu questionava quais tipos de textos seriam lidos, quais palavras ditas na “canalização” poderiam somar com minha trajetória de vida. Também indagava sobre a origem dos textos. Eram livros de autoajuda? De que forma as “leituras” refletiam os padrões religiosos tradicionais?

Aos poucos, compreendi que os textos me conduziam por um “caminho de volta pra casa”, ou melhor dizendo, para dentro de mim mesmo. A sensação que se tinha era como um “transe lúcido” que me direcionava ao autoconhecimento. A consciência de si, para o Círculo Carmesim, é crucial para o processo de autoconhecimento. Esse é o ponto de partida para que os frequentadores das “leituras” possam se reconhecer enquanto pessoa. A noção de pessoa, aqui, remete a ideia do “eu sou o que eu sou” e não necessita de algo que justifique ou valide a forma de ser e estar no mundo. Neste

sentido, encarar a consciência em sua vida quer dizer que ao assumir que “Eu Existo” todas as coisas são possíveis. É a partir da ideia de consciência do “Eu sou” que a pessoa reconhece a responsabilidade pela sua concepção pessoal de mundo. Esse entendimento admite que as escolhas pessoais refletem no “mundo exterior”, mas não é possível controlar os impactos.

O Círculo Carmesim traz nas “canalizações” o encontro “consigo mesmo” através de dicas práticas, conselhos e direcionamentos. A filosofia ensinada é facilmente compreendida e tem um potencial terapêutico interessante, visto que concomitantemente ao uso da *ayahuasca*, as leituras induzem a reflexões de questões pertinentes a conflitos relacionados à condição humana. Uma dessas questões está relacionada ao julgamento. Nessa perspectiva, apreende-se a noção de alteridade, cara à antropologia. Lembro que, durante uma das “leituras”, Adamus explicava sobre julgar. Sobre como algumas ações são feitas sem que se perceba como somos afetados pela “energia do julgamento” e sobre quais são os desdobramentos desse problema na vida das pessoas. Considerei relevante e verdadeiro pensar nisso naquele momento. Isto porque percebi que as “leituras” trabalhavam essas e outras questões que permeiam uma “espiritualidade” individual e coletiva. Somado a isso, a *ayahuasca* intensificava o “estudo de si”. Adamus parece nos lembrar constantemente sobre consciência, e demonstra que seu principal desafio é ajudar humanos a ultrapassarem a barreira do desentendimento em relação a sua própria consciência.

Ao finalizar a “leitura”, seu Éder conduzia o grupo para o momento de socialização sobre o que cada participante havia experienciado. Ele perguntava se alguém desejava acrescentar algum elemento na cerimônia. Este era o momento em que nós conversávamos sobre nossas experiências e também os *insights* pessoais. O “estado de *força*” amenizava-se aos poucos. Posteriormente às trocas coletivas das vivências individuais das pessoas ali presentes, Éder convidava a todos a ficarem de pé e entoarem em um só grito “EU SOU O EU SOU”. Por fim, uma série de aplausos demarcava o encerramento do encontro. A movimentação seguinte era de alguns membros organizando uma mesa farta com comida de todos os tipos levada pelos participantes da reunião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate sobre os usos contemporâneos da *ayahuasca* são complexos e merecem reflexões atuais sobre os diversos contextos em que o psicoativo está sendo consumido a nível nacional e internacional. Se, legalmente, os usos do chá são permitidos apenas em contextos rituais-religiosos, como garantir que *ayahuasqueiros* não sejam estigmatizados por não se enquadrarem em uma religião ou doutrina religiosa cristã? Gostaríamos de, com este ensaio etnográfico, demonstrar o que produz a relação planta-humano, ou melhor, *ayahuasqueiro-ayahuasca*. Nessa perspectiva, vale ressaltar que a “ressignificação da doutrina daimista”, como propõe o primeiro autor do texto (e frequentador do

espaço das “leituras” do Círculo Carmesim) perpassa por uma estratégia de escapar da estigmatização do uso da *ayahuasca* em um contexto que não é necessariamente religioso e cristão. As instituições religiosas vêm enfrentando o desafio da desinstitucionalização da fé. Seja no Santo Daime, seja no xamanismo indígena ou no Círculo Carmesim, o importante é que seja garantido um espaço seguro e de acolhimento das diferentes pessoas que buscam, no psicoativo, novas percepções de mundo.

A fascinante ideia de experienciar o mundo de forma leve e simplificada exemplifica a real intenção do Círculo Carmesim e do trabalho que vem sendo realizado ao decorrer dos anos. Poder somar o uso da *ayahuasca* com estes poemas filosóficos em um único lugar no mundo, sobretudo no sudeste do Pará demonstra o crescente número de interessados em práticas alternativas de viver uma *espiritualidade*. Este ensaio é o pontapé inicial para pesquisas futuras que busquem entender e descrever esta e outras reinvenções na relação humano-psicoativos-plantas.

REFERÊNCIAS

- FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005. “*Ser afetado*”. Cadernos de Campo, 13: 155-161;
- FERNANDES, Saulo. 2018. *Xamanismo e neoxamanismo no circuito do consumo ritual das medicinas da floresta*. Horiz. Antropol. Porto Alegre, ano 24, n.51, p.289-314, maio/ago;
- GOULART, Sandra. 2008. *Estigmas de grupos ayahuasqueiros*. In: LABATE, Beatriz Caiuby et al (Org.). Drogas e Cultura: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA;
- LABATE, Beatriz. 2000. *A reinvenção da ayahuasca os centros urbanos*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Campinas, SP – S.N;
- OTERO DOS SANTOS, Julia. 2010. *Diferentes contextos, múltiplos objetos: reflexões acerca do pedido de patrimonialização da Ayahuasca*. In: Coelho de Souza, M.S.; Lima, Edilene C.. (Org.). Conhecimento e cultura: práticas de transformação no mundo indígena. 1ed.Brasília: Athalaia, v. , p. 229-245.

SITE

Crimson Circle. Disponível em: <<https://www.crimsoncircle.com/>>. Acesso em: 21 jul. 2023.